

Ler ou não ler os clássicos: eis a questão

To read or not to read the classics: that is the question

MONALLISA CRISTINA DA SILVA

Graduada em Letras - UNIPAM

E-mail: monallisa@unipam.edu.br

CAROLINA DA CUNHA REEDIJK

Professora orientadora - UNIPAM

E-mail: carol@unipam.edu.br

Resumo: Estudos recentes apontam, de forma geral, uma recusa, por parte dos jovens estudantes, dos cânones da literatura. Por que essa rejeição existe? Este trabalho buscou responder a esse questionamento, problematizando a forma como a Literatura Clássica é normalmente trabalhada no contexto escolar e buscando alternativas de metodologias diferentes para a leitura dos clássicos, com vistas a minimizar a rejeição normalmente tida pelo alunado. A pesquisa foi desenvolvida a partir de leituras de livros, artigos e documentos que discutem o tema, sendo reafirmada a existência de falhas no modo como a Literatura Clássica é trabalhada no contexto escolar. A partir disso, pautando-se em buscas de trabalhos já publicados, foram apresentadas sugestões de metodologias para o trabalho com a Literatura Clássica com o intuito de aproximar os estudantes da leitura do cânone.

Palavras-chave: Cânone. Ensino. Escola. Literatura.

Abstract: Recent researches point to, generally, refusing the literature canon by students. Why does the rejection of that type of literature occur? This work tries to answer the question, problematizing the way Classical Literature is usually presented in the school context and searching for alternatives of different methodologies for the reading of classics, willing to minimize the rejection by the young readers. The research was developed by reading books, articles, and documents that discussed the theme and reaffirmed the presence of flaws in how Classical Literature is worked on in the school context. From this, and based on research of already published works, suggestions of methodologies for the approach with Classic Literature were presented, with the intention of bringing students closer to reading the canon.

Keywords: Canon. Teaching. School. Literature.

1 INTRODUÇÃO

Italo Calvino (2007, p. 9), em seu livro *Por que ler os clássicos*, propõe quatorze definições para o que seja o clássico. Uma delas é: “os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: - Estou relendo... - e nunca - Estou lendo... -”. Nota-se que isso ocorre com mais frequência na considerada idade madura, não sendo muito comum na juventude, apesar de ser nesse período que ocorre o primeiro contato com essas obras.

É de se esperar que esse primeiro encontro se dê no ambiente escolar, pressupondo a obrigatoriedade que o colégio tem de apresentar a Literatura Clássica aos seus alunos.

O acesso à Literatura constitui um direito, o que, também, justifica o seu aparecimento na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse documento cita exemplos de textos literários que devem ser trabalhados no Ensino Fundamental e Médio e dentre eles é mencionado o clássico (no que diz respeito ao cânone) (BRASIL, 2018). Infere-se, portanto, que seja obrigatória a apresentação do repertório cultural literário aos educandos.

Não obstante a essa obrigatoriedade, é debatido o fato de as escolas tentarem impor Literatura Clássica antes da hora e/ou de forma, julgada, incorreta, aos alunos. Isso pode ser visto como fator contribuinte para a formação de não leitores, o que, em geral, leva a afirmações de que os jovens não gostam de ler e de que os jovens estão lendo menos nos últimos tempos, as quais precisam ser analisadas em outros vieses.

Algumas pesquisas realizadas por Souza (2020) e por Brito *et al* (2014) esclarecem que o fato não é que os jovens não possuem mais o hábito de leitura, eles leem, mas leem aquilo que a eles interessam, e muitas vezes não é aquilo que as escolas lhes oferecem. Dessa maneira, o que fica perceptivo para Souza (2020, p. 4) é que existe mais uma resistência a alguns tipos de leitura do que a sua redução ou falta.

A partir dessas colocações, o que se observa é que, apesar de as escolas reconhecerem o dever de apresentar o legado cultural literário aos seus discentes, estes, por sua vez, nem sempre recebem bem a Literatura Clássica. Nesse contexto é que surgem as questões orientadoras deste estudo: de que decorre essa rejeição, por parte do alunado, à Literatura Clássica? Como ela pode ser minimizada? Que metodologias podem ser adotadas?

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi problematizar a forma como a Literatura Clássica é normalmente trabalhada no contexto escolar, buscando alternativas de metodologias diferentes para a leitura dos clássicos, com vistas a minimizar a rejeição normalmente tida pelo alunado.

Para tanto, apresentaram-se razões para que se deva trabalhar a Literatura Clássica e, ao mesmo tempo, razões para o cânone ser criticado e, por vezes, rejeitado. Essas discussões foram acrescidas de outras que evidenciam como normalmente acontece o trabalho com a Literatura Clássica, o que contribui para a prevalência do preconceito de que os jovens não leem e mostram a necessidade de adoção de novas formas metodológicas para o estudo dos clássicos.

Acredita-se que, para que o aluno se identifique e consiga trabalhar com as obras canônicas, deve existir um trabalho bem planejado desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. É importante que, inicialmente, seja trabalhado o incentivo à leitura e que sejam apresentadas leituras mais simplificadas, que vão ao encontro dos gostos dos alunos, a fim de contribuir para a prática processual e contínua da leitura. Assim, posteriormente, os estudantes estarão mais preparados para explorar o campo em que estão presentes obras mais rebuscadas, sem que se vejam diante de um intransponível obstáculo ao seu aprendizado. Dessa forma, o estímulo causado pelo professor, a apresentação de não obrigatoriedade da leitura e a apresentação das obras clássicas mediante as adaptações, portanto, uma nova metodologia, possibilitará ao estudante uma melhor compreensão das obras canônicas, assim como a percepção de que a

Literatura Clássica é um agente colaborador para o seu crescimento intelectual e humanístico.

Nesse contexto, o estudo mostra-se relevante por investigar como o trabalho com os clássicos acontece na escola, tendo em vista que os documentos oficiais estabelecem a necessidade de se trabalharem os clássicos durante o período escolar. Assim, a busca por novas formas metodológicas para o trabalho com o cânone é dessa forma justificada, visto que a maneira de se focar e de se trabalhar com o cânone tem efeitos no desenvolvimento da leitura, assim como no gosto por ela. Além disso, este estudo mostra-se como uma oportunidade de aprofundamento de estudos nessa área, visto que a autora é graduanda em Letras e, futuramente, estará apta a atuar de forma adequada no contexto do trabalho com a Literatura em sala de aula.

Para a construção das reflexões empreendidas neste estudo, pautou-se num caminho metodológico baseado em estudos bibliográficos e webliográficos, com levantamento de artigos, livros e documentos que discutem a temática. Partiu-se do levantamento do significado do que seja o clássico e sua aplicação na realidade escolar. Depois, apresentaram-se e discutiram-se documentos que regulamentam a obrigatoriedade do trabalho com o cânone e que direcionam as ações por parte dos sujeitos envolvidos. Num segundo momento da pesquisa, foram apresentadas novas formas metodológicas para o trabalho com a Literatura Clássica em sala de aula, partindo de um compilado de trabalhos já publicados que mostraram práticas exitosas.

2 O QUE É O CLÁSSICO?

“Clássico”, segundo o dicionário *online* ([s. d.], [s. p.]), pode possuir vários significados. Suas significâncias encontram espaços nas áreas literárias, artísticas, populares, esportistas etc. De acordo com as classes gramaticais, a palavra se classifica como um adjetivo ou como um substantivo masculino. Sua etimologia advém do latim *classicus*, “de primeira classe”. Eis aqui alguns significados disponibilizados:

- “[Literatura] Relativo à Antiguidade greco-latina ou aos grandes autores e à arte dos séculos XVI a XVIII: as línguas clássicas; o teatro clássico; a arquitetura clássica”.
- “[Artes] Considerado como um exemplo em belas-artes”.
- “[Popular] Que se reconhece como uma situação consagrada: seu atraso já clássico na empresa”.
- “De natureza habitual; corrente, corriqueiro: tomamos o clássico cafezinho”.
- “[Esporte] Jogo entre equipes de dois clubes importantes”.

Apesar de ser importante compreender a origem da palavra em estudo, seus significados e classificações, essas definições do que seria o *clássico* não são suficientes para se entender tudo o que esse termo tende a abarcar, especificamente, no campo literário. Italo Calvino (2007), como dito na seção introdutória deste trabalho, aponta quatorze definições diferentes para o *clássico*, certificando-nos de que o termo é, realmente, muito amplo. Na sequência, é apresentado um resumo com alguns apontamentos de diferentes autores.

Calvino (2007) pontua que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 11), portanto, cada leitura trará uma nova descoberta diferente da anterior; “um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si [...]” (p. 12), dessa forma, ele tem a capacidade de nos ensinar algo e de formar leitores críticos; “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (p. 15), assim, o clássico tem o poder de perpassar o tempo se mantendo sempre atual; “[...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos [...]” (p. 16), desse modo, ele é capaz de fazer com que compreendamos acerca da condição humana ao longo da história, oportunizando o conhecimento de gerações passadas.

Corroborando as definições de Calvino, Ana Maria Machado (2002, p. 15) relata que “clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda”. Em outras palavras, os clássicos são atemporais. Podem sim constituir seu linguajar ultrapassado, mas o tema constituinte ultrapassa qualquer barreira atemporal dialogando com questões profundas e universais.

Thomas Eliot (1945, p. 78 *apud* RODRIGUES, 2016, p. 64) indica que “um clássico só pode aparecer quando uma civilização estiver madura, quando uma língua e uma literatura estiverem maduras [...]”. Nesse mesmo viés, Marinês P. Rodrigues (2016, p. 65) explica que “os clássicos se originam a partir de uma civilização que comprovou sua maturidade, tanto no aspecto cultural quanto linguístico, no momento em que se manifestam as condições necessárias para seu surgimento”.

Apesar de tudo que foi exposto, ainda ficam os questionamentos: que obra possui qualidade e qual não? Quais livros são dignos de leitura? Nessa perspectiva, Machado de Assis, Shakespeare, Aluísio de Azevedo, Homero, Chaucer e Graciliano Ramos podem ser considerados clássicos, pois são suas diferenças que fazem com que se tornem tão especiais.

Muitas obras, dos autores citados, fizeram sucesso na época em que foram lançadas, mas ainda ganham destaques nos dias atuais, perpassando por diferentes gerações. Cada um dos autores citados, de diferentes modos, nos fornece dados históricos e culturais que são essenciais para nossa formação humana e acadêmica. Machado de Assis, por exemplo, em *Dom Casmurro*, trabalha, mesmo que inconscientemente (ou não), o papel da mulher naquela época. Aluísio de Azevedo, em *O Cortiço*, retrata a escravidão e problemas sociais vividos na época. *Os Contos de Cantuária*, escritos por Geoffrey Chaucer, expõem como as pessoas viviam em suas diversas camadas sociais.

Desse modo, os poucos elementos aqui apresentados fazem com que esses autores sejam considerados clássicos, pois as obras desses escritores nos permitem debater sobre a condição humana e sobre as relações sociais e políticas de um determinado momento histórico. Assim, para Rodrigues (2016, p. 71), “essas obras constituem, através das gerações, um arcabouço de textos que servem de referência para se ensinar literatura, pois pertencem às mais variadas escolas literárias e ainda servem para que possamos estabelecer um percurso da literatura através dos tempos”. Clássico, portanto, é uma referência, um modelo a ser seguido, uma inspiração.

2.1 QUAL A RELAÇÃO DO CÂNONE COM A ESCOLA?

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 499) orienta a progressão das aprendizagens e habilidades. Segundo o documento, “em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio”. Portanto, para que a leitura do clássico se torne profícua, é de suma importância que os docentes do Ensino Fundamental e posteriormente os do Ensino Médio desenvolvam nos alunos o gosto pela atividade de ler, trabalhando correta e gradualmente esse estímulo, o que normalmente não acontece.

O que ocorre, geralmente, é um contato com a disciplina muito tardio, por isso ler Gregório de Matos, Machado de Assis, Shakespeare e outros é cansativo e assustador para os alunos. Esse tipo de leitura se torna distante para eles, pois não houve um processo que facilitasse esse encontro. Não foi trabalhado, antes dos alunos começarem a lerem tais autores, a teoria da literatura e o gosto por ela, por exemplo. Outro fator que desestimula o prazer pela leitura é a obrigação. Ler para fazer uma avaliação, um resumo, prestar um vestibular etc. faz com que o estudante não consiga usufruir da obra. Consequentemente, a maturidade que não foi trabalhada atrapalha a compreensão dos textos.

Há que se salientar que gostar de ler não é uma obrigação. Assim como existem pessoas que não gostam de jogar bola, existem, também, aquelas que não gostam de ler, ainda mais livros complexos. Porém, Brito *et al.* (2014, p. 47) citam uma palestra pronunciada pelo professor Frederico de Sousa Silva (2013) no IX Congresso Mineiro de Formação de Professores para a Educação Básica, com o título *Ensino de Literatura no Ensino Médio*, em que ele afirma que

[...] é preciso apresentar a literatura clássica e dita canônica aos alunos, de maneira que eles façam o gostar (do Latim: provar, tomar o gosto) em relação à leitura. Se é gostar, isso significa que o aluno pode ou não aprovar a leitura, mas é preciso passar por isso, pelo gostar, para saber se de fato ele vai começar a gostar e daí progredir nessa leitura até por conta própria. O professor ainda afirmou que, se o aluno não ler Camões, como poderá gostar de Camões, por exemplo.

Para Brito *et al.* (2014, p. 48), “a literatura da escola é do *gustar* (provar) e não a do gostar (apreciar), pois escolas têm um objetivo específico, o aprendizado”. Mas esse objetivo de fazer com que o aluno aprenda não impede que os professores façam com que essa aprendizagem seja um tanto quanto prazerosa. Segundo Calvino (2007), de fato, as leituras da juventude podem ser pouco proveitosas, seja pela impaciência, seja pela distração, seja pelas inexperiências. Para o escritor, os clássicos não podem ser lidos por obrigação, mas sim por amor. Italo Calvino (2007, p. 13) ainda profere que

[...] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus"

clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.

É inegável, também, que exista uma falha no modo como os clássicos são levados para sala de aula, pelo fato de haver professores que focam apenas conhecimentos informativos das obras, dos autores e de épocas, não oferecendo um caminho que oportunize o interesse pela literatura e pela leitura. Antonio Candido (1972, p. 82) já afirmava que “os estudos modernos de literatura se voltam mais para a estrutura do que para a função”.

Fica claro que, além dessa necessidade de formação intelectual, existe o dever de se trabalhar a literatura por ela ser essencial na formação humana. Candido (1995, p. 249) já assegurava que a função fundamental da literatura é a de humanizar o homem: “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade. O semelhante”. Porém, o que se percebe é que, no processo de formação, os educadores não foram orientados a passar o caráter humanizador da literatura adiante. Portanto, segundo Brito *et al.* (2014, p. 46), não se deve atribuir a culpa total dessa falha aos professores, pois muitos deles não tiveram uma formação adequada em relação à forma como trabalhar os clássicos no contexto escolar.

2.2 COMO FACILITAR A LEITURA DE UM CLÁSSICO?

Partindo-se do apresentado, o que se espera, antes de começar os estudos com os clássicos, é que os professores do Ensino Fundamental trabalhem, primeiramente, a parte teórica da literatura. Isso significa que o educador deva explicar o porquê da importância da leitura, quais suas vantagens etc. Segundamente, deve-se instigar o gosto pela literatura, estimulando a de livros com os quais os educandos se identifiquem. Isso permitirá que ele “entre” no mundo dos clássicos mais naturalmente, partindo do conhecido para o desconhecido.

Costa (2016), citando Bragatto Filho (1995), declara que o trabalho com a leitura literária deve ocorrer sem pressões, pois o contrário pode fazer com que os alunos sintam até mesmo repulsa pela leitura. Portanto, trabalhar a literatura de forma espontânea possibilitará que os alunos desenvolvam laços afetivos com os livros, aumentando, também, o gosto e a familiaridade com a leitura. Como foi evidenciado, o professor, antes de qualquer coisa, deve tornar a literatura como uma experiência e não como um conteúdo avaliativo. Dessa forma, o aluno conseguirá construir um sentido para a leitura.

Ainda, de acordo com Costa (2016), citando Cosson (2014), é importante que os professores respeitem a variedade de gêneros, autores e obras, que os alunos escolhem, em vez de impor determinados títulos a eles, facilitando, então, a partida para a construção do leitor profícuo. Esses professores não devem privilegiar uma obra simplesmente por ser canonizada. No entanto, essa também não deve ser excluída, tendo em vista que o cânone representa nossa identidade cultural.

No Ensino Fundamental seria interessante a prática da leitura compartilhada e em voz alta dos clássicos. Isso facilita uma melhor compreensão do texto e promove a discussão sobre a temática apresentada. Outra estratégia seria a leitura dos textos adaptados. Nesse viés, vale destacar a ressalva de Freitas (2016, p. 17-18): “espera-se que a leitura de obras clássicas adaptadas funcione apenas como ponto de partida para a leitura das obras originais e não que as substitua, uma vez que a adaptação não apresenta toda a essência linguística da obra original”.

Seguindo o apresentado, os alunos estarão mais preparados para “encarar” os clássicos. “Concluído o Ensino Fundamental, supõe-se que os alunos que ingressam no Ensino Médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária”. (BRASIL, 2006, p. 63). Possuindo-se esse conhecimento prévio de literatura, o aprofundamento ocorrerá de forma mais natural, o que não quer dizer que os discentes não terão dificuldades, uma vez que essas obras continuarão tendo suas linguagens rebuscadas, interpretadas como difíceis. Por isso, esses tipos de obras devem ser trabalhados com mais cautela, levando-se em conta alguns aspectos, para a melhor compreensão do alunado. Para Martins e Revoredo (2009, p. 2), “não basta apenas selecionar o livro. É necessário trabalhá-lo adequadamente em sala de aula”.

Sugere-se que a leitura de um clássico, sem a necessidade de estratégias facilitadoras e sem interrupções, se dê no decorrer dos três anos do Ensino Médio, visto que a maturidade estará mais aguçada. Porém, isso não impede e não quer dizer que esses métodos não devam ser utilizados com eles. Deve existir, por parte do mediador, uma reflexão sobre a prática mais adequada a ser utilizada caso haja necessidade.

2.2.1 Quais metodologias adotar no trabalho com a Literatura Clássica?

Pensando-se em apresentar metodologias diferentes das que normalmente são adotadas, foi feita uma busca na internet por trabalhos que já foram publicados por diferentes pesquisadores e, ao discutirem tal temática, propõem formas de trabalho com a Literatura Clássica. Dessas leituras, foram selecionados, para ser exposto neste trabalho, exemplos de metodologias que podem ser adotadas, que foram e poderão ser exitosas em sua prática.

Ao analisar esses trabalhos, observou-se que os métodos utilizados foram os seguintes: leitura guiada por etapas: pré-leitura, leitura e pós-leitura, retextualização de textos, projetos literários, leitura por adaptações e tertúlias literárias. Cada um desses métodos possui suas significâncias. Ler por etapas significa que a leitura é um processo complexo que se inicia antes de começar a leitura, continua durante e se conclui muito depois que se termina de ler. Esse planejamento permite que o texto literário se torne um objeto de leitura, discussão e reflexão. Retextualizar um texto para outro faz com que o aluno, obrigatoriamente, leia a obra, construindo sentidos para o texto literário e ativando nele um processo criativo de produção. A escolha e execução de um bom projeto contribui para a formação do interesse pela leitura, amplia a capacidade de produção dos estudantes e desenvolve seu raciocínio. As adaptações funcionam como um facilitador, como uma porta de entrada e até mesmo como uma intérprete e não devem, de forma alguma, ser vistas como substitutas das originais. As tertúlias

estimulam o diálogo, a troca de experiências, desenvolvem a solidariedade e o respeito às diferenças.

2.2.1.1 Adoção de roteiro definido: pré-leitura, leitura e pós-leitura

Essa metodologia é apresentada por Helen Freitas (2016), em seu trabalho intitulado *A leitura dos clássicos na sala de aula: uma prática possível*. Ela propõe que, inicialmente, seja feita uma apresentação aos alunos desenvolvendo a temática “Ler para quê?”. Nesse momento os alunos devem participar da conversa, partilhando suas experiências com a leitura.

Posteriormente, sugere-se que o professor conte uma história. Para exemplificar, Freitas narrou a Guerra de Troia contida na *Iliada*, de Homero. Esse momento tem como objetivo mostrar aos alunos que os temas abordados em obras clássicas são muitos atuais e podem despertar o interesse deles.

Depois, a partir das obras clássicas já pré-selecionadas pelo professor, os alunos devem escolher uma obra para ser lida. Para facilitar essa escolha, ela aconselha que sejam disponibilizados alguns cartões com imagem da capa do livro, acompanhados de uma breve resenha, para possibilitar que o aluno escolha de acordo com suas preferências. A outra etapa seria a da leitura dos livros escolhidos individualmente. Caso haja alguma dúvida, o aluno deve ser orientado a procurar o professor.

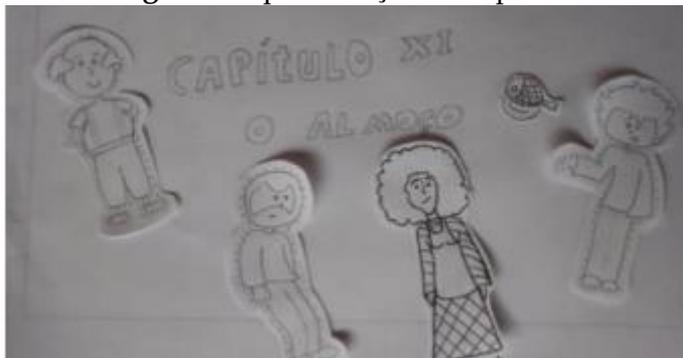
O fechamento é dado pelo compartilhamento da leitura com a turma. Sugere-se uma iniciativa diferente para esse momento, como, por exemplo, um “piquenique literário”. Nesse momento de pós-leitura, tem-se uma possibilidade de ampliação da leitura dos alunos, pois, a partir do que ouvem, podem se sentir convidados a lerem outras obras em sua completude.

2.2.1.2 Retextualização de clássicos para o formato vídeo digital

No trabalho intitulado *Clássicos, tecnologia, (re) leitura: a literatura no Ensino Médio*, Silva (2016) sugere a (re)textualização de um clássico para o formato de vídeo digital, a partir dos recursos oferecidos pelo *Windows Movie Maker*. Segundo ela, o primeiro passo é a escolha da obra original, pelos alunos, para a produção do vídeo digital. Ressalta-se que todo processo será feito em grupo. Feita a leitura, previamente, os grupos devem retextualizar o conteúdo do texto escolhido: transformar a obra clássica escolhida no formato de vídeo digital. Para isso ser possível é necessário que, em aulas anteriores, o professor apresente aos alunos mostras de vários vídeos digitais, de outras obras, para que sirva de exemplo. Além disso, devem-se apresentar aos alunos os objetivos e a motivação para todo percurso.

Vale salientar que essa estratégia se apresenta bem coerente com o perfil da geração de alunos que estão na escola atualmente, uma geração que apresenta muita facilidade para desenvolver atividades que exigem o uso de aparatos tecnológicos e que rapidamente aprendem a usar recursos desconhecidos até então, mas necessários ao desenvolvimento da atividade.

As cenas do vídeo podem ser feitas pela computação gráfica ou a mão, como Silva (2016) sugere na figura a seguir.

Figura 1: Apresentação do capítulo

Fonte: Silva (2016, p. 3).

Um trabalho como esse não deve ficar apenas no contexto de sala de aula, podendo, então, o professor organizar um momento na escola em que os alunos possam apresentar o vídeo desenvolvido para toda a comunidade escolar e até para a comunidade externa. Saber que o trabalho deles poderá extrapolar os muros da escola serve de motivação.

2.2.1.3 Algumas estratégias encantadoras: compartilhar leituras, apresentar curiosidades e relacionar a realidade atual

Outras formas de como trabalhar os clássicos da literatura foram mostradas por Ferreira (2018), no site da *Nova Escola*, na matéria intitulada *Como trabalhar clássicos da literatura no fundamental*. Na matéria, são mencionadas as metodologias utilizadas pelas professoras Bárbara Passos e Marta Chiva. Bárbara menciona que, logo no início do ano letivo, leva seus alunos à biblioteca e os questiona sobre seus hábitos de leitura. Dessa forma, ela consegue fazer com que os próprios alunos se estimulem mutuamente, indicando suas preferências. A partir das informações trocadas durante a conversa, a professora também consegue apresentar aos estudantes novos autores e títulos. Já Marta idealizou e fez em sala de aula um clube de leitura em que os alunos puderam trocar suas experiências.

Ambas acreditam que as adaptações são boas alternativas para o primeiro contato com os clássicos. Escolhida a melhor adaptação, o primeiro passo é apresentar o autor da obra e seu tradutor. Isso é importante para que se possa compreender o sentido do texto. Chiva vai além e leva aos estudantes exemplares da obra em questão: um original, um que será lido e outro em formato de história em quadrinhos, por exemplo. Assim, os alunos entendem que uma única obra pode ter várias versões. Marta também trabalha a interdisciplinaridade para contextualizar a obra. Ela acredita que o fato de eles serem inseridos em uma temática que acabaram de aprender faz com que se interessem ainda mais pelo texto. Por exemplo, ela fez uma parceria com o professor de História para que os discentes lessem *Os miseráveis*, logo após estudarem a Revolução Francesa. Passos sugere a leitura compartilhada e Chiva ressalta a importância de se fazer a relação com os dias atuais.

É notória, então, a necessidade de o professor atuar como mediador nesse processo de leitura, provocando os alunos quanto a suas escolhas e quanto às discussões possíveis a partir delas.

2.2.1.4 Projeto Literatura viva hoje e sempre: os clássicos

É indiscutível que a pedagogia de projetos tem sido uma metodologia atrativa para os alunos, principalmente quando bem utilizada e aplicada pelos professores. É nesse caminho que a proposta de Inês Czervinski (2016) acontece, propondo o trabalho com a literatura via projetos. Para tanto, ela idealiza um projeto cujo desenvolvimento se dê em etapas.

Primeiramente, apresenta-se o tema do projeto ao grupo docente e, num segundo momento, em uma sala denominada de “feira literária”, o educando é levado a escolher sua obra. Depois, num outro momento, é feita a leitura do texto *Conto de escola*, de Machado de Assis, em forma de história em quadrinhos para debaterem algumas questões como: “Qual foi a sua escolha e por quê? O que vocês entendem por literatura e clássicos? O que acham da leitura desses livros? O que acham da linguagem utilizada nas obras clássicas?”. Feito esse debate, apresenta-se aos alunos os estilos literários e, posteriormente, os educandos devem fazer uma pesquisa na internet sobre as obras clássicas escritas e sua importância no contexto social e, assim, expor seus questionamentos, dúvidas, receios, preconceitos e as definições e a importância da literatura em nossas vidas.

Passada essa etapa de discussão e esclarecimentos de dúvidas, os discentes devem produzir um poema descrevendo o significado da leitura literária para eles (nesses processos de criação se faz importante uma parceria com o professor de Artes para a confecção de uma estética provocativa); na sequência, a mídia é utilizada: minisséries inspiradas em clássicos, curtas animações... Depois, em círculo, os alunos fazem uma leitura dos clássicos em forma de história em quadrinhos e desenvolvem, a partir de trechos do livro clássico, sua própria história em quadrinho. Mais adiante, com a leitura já realizada pelo aluno da obra escolhida, ele deve retirar da sua memória um trecho marcante da história lida, transformá-lo em uma única imagem e explicar aos demais o motivo por que essa imagem foi importante. Como fechamento, a dramatização, a declamação, a dança e a música podem ser apresentadas.

2.2.1.5 Tertúlia Dialógica Literária

Foi disponibilizado pela Comunidade de Aprendizagem um caderno com informações básicas para conhecer e colocar em prática a Tertúlia Dialógica Literária: “a Tertúlia Literária é uma prática de leitura dialógica que consiste em um encontro ao redor da literatura, no qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal” (COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM, [s. d.], p. 3). As tertúlias podem ser realizadas em diversos ambientes e os encontros podem acontecer no horário regular ou no contraturno.

São organizadas da seguinte forma: antes de começar, deve-se escolher quem assumirá o papel de moderador (pode ser o professor ou não): ele organiza a conversa e

favorece a participação de todos, não explica, não apresenta nem contextualiza a obra; depois, o grupo participante escolhe o livro que lerá e define o trecho que será lido individualmente e em voz alta, no encontro, explicando por que gostou ou não e o que chamou sua atenção (o professor/moderador determina até onde os alunos lerão para cada encontro); assim, após a leitura de cada trecho, o moderador cede o turno, também, para aqueles que gostariam de comentar o trecho lido pelo colega. E assim o ciclo é feito, primeiro uma pessoa lê o seu trecho, fazendo seus apontamentos, depois, os outros comentam, abrindo espaço para novas interpretações e reflexões, e, em seguida, outra pessoa lê e assim por diante. Para finalizar, os participantes voltam à leitura do livro, até onde o moderador indicar, tendo em mente todos os diálogos e reflexões compartilhadas na sessão, e se preparam para o próximo encontro.

2.2.1.6 *Lendo clássicos em HQ*

Uma outra metodologia é sugerida pela própria autora deste trabalho. Decorrente do que foi apresentado nesta pesquisa, ficou claro que as adaptações são ferramentas positivas para o trabalho pedagógico no ambiente escolar, visto que a linguagem utilizada e a adequação literária incentivam os alunos a buscarem cada vez mais o universo literário.

Surgindo o momento de se trabalhar com determinado autor ou período literário, sugere-se que uma HQ seja apresentada. Primeiro: o professor deve orientar os alunos a pesquisarem sobre o autor que será trabalhado naquele momento. Segundo: os discentes devem elaborar e realizar uma apresentação do que encontraram. Terceiro: o docente, enxergando necessidade, acrescentará o que for necessário e realizará uma conversa sobre o que foi apresentado. Quarto: aqui se dá o momento de leitura e a leitura deve ser feita de forma compartilhada, diante da tela de projeção. Uma observação, caso a HQ não seja encontrada em formato digital, para a apresentação na tela de projeção, sugere-se que, com uma obra em mãos, seja utilizado um retroprojetor. Quinto: o professor deve propor um diálogo, pós leitura, sobre o que leram. Sexto: para incentivar alunos de outras classes e demais e para mostrar a eles que, além do livro tradicional, existem outros que contém a mesma história, só que em outro formato; os alunos que leram a HQ podem realizar um encontro literário para apresentar esses livros aos seus colegas.

Seria interessante que todos possuíssem um livro em mãos, porém sabemos que a escola não possui recursos para atender a grande demanda. Dessa forma, outras soluções são propostas para que a leitura possa ser feita, de um modo mais interativo e enriquecedor, levando em conta que as HQs são obras que, em seu todo, possuem bastantes figuras e cores.

É necessário ressaltar que todas essas propostas podem ser adaptadas partindo da realidade de cada contexto. É importante destacar que a metodologia só poderá ser usada se existir a capacitação dos professores para tal, recursos disponíveis e apoio de demais. Também, há a possibilidade de esses trabalhos serem realizados, resguardada a necessidade de alguns ajustes, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, neste quando houver necessidade.

3 CONCLUSÃO

Ainda hoje é recorrente a discussão sobre o ensino de Literatura Clássica, considerando-se a resistência dos jovens a esse tipo de literatura. Então, nesse contexto, este estudo objetivou refletir sobre o modo como a Literatura Clássica é, normalmente, trabalhada no ambiente escolar, com o intuito de propor formas metodológicas diferentes para a leitura dos clássicos; quando praticadas corretamente, muitas leituras são simplificadas, fazendo com que a maioria dos jovens percam sua resistência.

Conclui-se que, na verdade, o questionamento a ser feito não deveria ser se os adolescentes em contexto escolar devem ler ou não os clássicos e sim como facilitar essa leitura. Percebeu-se que as práticas de ensino adotadas nas aulas de literatura, pelos autores apresentados, foram exitosas, pois permitiu o envolvimento dos alunos e demonstrou serem interessantes e prazerosas, indo ao encontro à inovação.

Parece que a forma como a leitura é trabalhada desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio é desmotivante, desinteressante e os alunos a veem como algo difícil. Entretanto, a literatura é um direito resguardado aos estudantes, e a não garantia dela nos leva a refletir sobre o que Rodrigues (2016, p. 67-68), ao citar Maria (2009), afirma, dizendo que o afastamento dessas obras é feito de forma proposital, pois é intenção dos governantes formar mão de obra para as indústrias e não formar cidadãos capazes de se posicionarem contra eles. A literatura é um meio de formação cidadã, levando-se em consideração as diversas funções por ela desempenhada, inclusive a humanizadora.

Então, o que há de se aprimorar são as formas de se trabalhar a Literatura Clássica, despertando-se nos alunos o gosto e o desejo por conhecer esse tipo de literatura e enxergando nela toda a potência formadora que tem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRITO, Camila Andrade *et al.* Literatura clássica: os desafios para incentivar esse tipo de leitura. **Revista Crátilo**, Patos de Minas, v. 7 n. 1, p. 44-57, ago. 2014. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/45/Revista%20Cr%C3%A1tilo%2C%20vol.%207%2C%20n.%201%2C%20ago.%202014>. Acesso em: 24 mar. 2021.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Schwahcz, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In: Ciência e Ciência*, São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972.

CLÁSSICO. *In: DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/classico/>. Acesso em: 06 set. 2021.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. **Tertúlia dialógica**. Disponível em: <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/6/580d15e17ff1060840d2c6606046dc28.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

COSTA, Lili Mirian Gums. Leitura literária na escola: uma proposta de aproximação dos alunos da 2ª série do Ensino Médio com a literatura. *In: PARANÁ*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produção Didático-pedagógica**, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018, v. 2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_port_unioeste_lilimiriangums.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

CZERVINSKI, Inês. Literatura viva hoje e sempre: os clássicos. *In: PARANÁ*. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 1 (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_port_artigo_ines_czervinski.pdf. Acesso em: 26 set. 2021. ISBN 978-85-8015-076-6.

FERREIRA, Anna Rachel. Como trabalhar clássicos da literatura no Fundamental. **Nova escola**, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11820/como-trabalhar-classicos-da-literatura-no-ensino-fundamental>. Acesso em: 26 set. 2021.

FREITAS, Helen J. M. de. A leitura dos clássicos na sala de aula: uma prática possível. **Revista práticas de linguagem**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 15-23, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2016/08/15-23-A-leitura-dos-cl%C3%A1ssicos-na-sala-de-aula-uma-pr%C3%A1tica-poss%C3%ADvel.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Kelly C. C; REVOREDO, Mariana. Letramento literário: teoria e prática. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 16, n. 17, p. 207-210, jan./dez. 2009.

RODRIGUES, Marinês Paloschi. Uma discussão sobre o conceito de Clássico. **Fronteira digital**, Mato Grosso, n. 5, p. 62-75, 2016. Disponível em:

<https://periodicos2.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/1539/1476>.
Acesso em: 13 ago. 2021.

SILVA, Suelen É. C. da. Clássicos, tecnologia, (re)leitura: a literatura no Ensino Médio.
In: XIII EVIDOSOL e X CILTEC – Online, jun. 2016. Disponível em:
<http://evidosol.textolivre.org>. Acesso em: 13 set. 2021.

SOUZA, Willian Eduardo Righini. Por que ler os clássicos na escola? Observações a partir de um clube de leitura para adolescentes. **Revista educação e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, p. 127-150, 2020. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20200056>. Acesso em: 24 mar. 2021.